

# UM CONTRIBUTO MANUSCRITO DE D. FRANCISCO DE PORTUGAL PARA A DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS SETECENTISTA

## THE CONTRIBUTION OF A MANUSCRIPT OF D. FRANCISCO DE PORTUGAL TO THE DESCRIPTION OF THE PORTUGUESE IN THE EIGHTEENTH CENTURY

Anabela Leal de Barros\*  
aldb@ilch.uminho.pt

Em 1743, Manuel Pereira da Costa verte para português a *Histoire romaine par demandes et par réponses*, atribuída ao Abade Morvan de Bellegarde. A tradução portuguesa, *Historia Romana por perguntas e respostas, desde a fundação de Roma até o presente*, ou melhor, a sua Parte 1.<sup>a</sup> (não constando que se tenha publicado a 2.<sup>a</sup>), inspirou a D. Francisco de Portugal uma lista de “Reparos”, trasladados num manuscrito setecentista da Biblioteca Pública de Évora. Sendo um dos mais notáveis membros da Academia Real de História, reconhecido possuidor de vastos conhecimentos filológicos, cujas “litterarias produçoens sempre foraõ respeitadas por incomparaveis, assim pela novidade da idea, como pela subtiliza do discurso, e pureza do estilo”, alinha em quatro fólhos os defeitos lexicais, gramaticais e pragmáticos que, na tradução do escritor e professor de latim Manuel Pereira da Costa, mais repugnam à sua indefetível veia purista, embora a tenha considerado excelente. Se, no âmbito da historiografia linguística portuguesa, existem em suficiência obras lexicográficas e gramaticais corporizando as mesmas e outras ideias da época com respeito ao português, e esboçando o leque da sua variação e mudança nos séculos XVII-XIX, no que concerne ao estudo contextualizado destes factos linguísticos numa visão subjetiva e epocal (realização fonética e ortográfica específicas, adequação, regências, registos, cambiantes, *colocação*, equivalências interlinguísticas), um contributo importante poderá ainda ser dado por obras menores, dispersas e manuscritas, como este *Appendix Probi* do português setecentista, na habitual tensão dialógica entre o uso clássico/de autoridades e o uso real e popular, inscrito no tempo. Intemporal, a exortação pelo respeito da gramática portuguesa nas suas especificidades, a demarcar da latina tão inflexivelmente como da francesa.

**Palavras-chave:** História da Língua Portuguesa; História do léxico; Historiografia Linguística; Análise do discurso gramatical; mudança lexical e gramatical.

---

\* Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos.

In 1743, Manuel Pereira da Costa translated to Portuguese *Histoire romaine par demandes et par reponses*, attributed to the Abbe Morvan de Bellegarde. The Portuguese translation, *Historia Romana por perguntas e respostas, desde a fundação de Roma ate o presente* (Roman History by questions and answers from the foundation of Rome to the present), or rather its Part 1 (not verified that it has published 2), motivated D. Francisco de Portugal to compose a list of “Repairs”, translated in eighteenth-century manuscript of the Public Library of Evora. As one of the most notable members of the Royal Academy of History, acknowledged possessing extensive philological knowledge, whose “literary works have always been respected as unique, both for the novelty of the idea as the subtlety of speech and purity of style”, D. Francisco filled four folios with lexical, grammatical and pragmatic flaws or defects in the translation of the writer, and teacher of Latin, Manuel Pereira da Costa, the most disgusting to him as uncompromising purist, although he regarded it as excellent.

**Keywords:** History of the Portuguese Language, History of the lexicon; Linguistic historiography, Grammatical discourse analysis, lexical and grammatical change.

## 1. Introdução

Os ventos iluministas que sopraram no Portugal setecentista arrastaram consigo da Europa obras numerosas, que foram em muitos casos objeto de tradução para português. Entre a contribuição francesa achava-se a *Histoire romaine par demandes et par réponses* (2 vols. in-12, Paris, 1720), atribuída ao Abade Morvan de Bellegarde (Barbier, 1823: 140), obra que nesse contexto refere António Alberto de Andrade (1966: 125-126), em *Verney e a Cultura do seu Tempo*.

No início da *Prefaçam Apologetica do Traductor*, Pereira da Costa (1743, inum.) refere-se a Bellegarde<sup>1</sup> como o verdadeiro autor da obra, divergindo ainda quanto à data de publicação:

Toda esta Historia, que alguns attribuirão falsamente ao Senhor de Sacy, escreveu em Francez o Abbade de Bellegarde em dous tomos de doze impressos em Pariz em 1716.

1 Do Abade de Bellegarde traduziram-se mais obras para português, no âmbito da etiqueta e civilidade, conhecendo-se outras na versão original: *Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas* / escrito pelo Abade de Bellegarde; trad. por Francisco Ferram d' Castello-Branco. Lisboa Occidental: Na Officina de Pedro Ferreira, 1734; *Modello de conversação sobre virtudes heroicas para pessoas polidas, e curiosas* / escrito pelo Abbade de Bellegarde; trad. por Francisco Ferram Castel-Branco. Lisboa Occidental: Na Off. de Pedro Ferreira, 1739; *Arte de conhecer os homens*, trad. por Ambrosio Antunes, Lisboa, Typ. Nunesiana, 1789.

## 1.1 A tradução e o tradutor

A *Historia Romana* traduzida por Pereira da Costa teve alguma fortuna entre nós, já que do primeiro volume, único a chegar ao prelo, se faz segunda edição em 1746, embora se conhecessem na época em Portugal várias obras ao mesmo assunto, lecionado nas escolas, e em diversas línguas.

Do tradutor, Manuel Pereira da Costa (1697-1768), transmuntano de Moncorvo, sabe-se que estudou humanidades e língua latina no Colégio de Santo Antão, da Companhia de Jesus, vindo a ser professor de gramática latina em Lisboa, além de escritor; perito em poesia latina e portuguesa, e no estudo da história sagrada e profana, conhecia profundamente as línguas latina, francesa e italiana, tendo feito ainda outras traduções, nomeadamente do francês (Pereira e Rodrigues, 1911)<sup>[2]</sup>.

## 1.2 O autor dos *Reparos à tradução*

À data em que surgia em Portugal a tradução de *Histoire Romaine*, D. Francisco de Portugal (1679-1749), oitavo Conde de Vimioso e segundo Marquês de Valença, reconhecido como um dos fidalgos mais ilustres e ilustrados do seu tempo, ocupava lugar de destaque na Academia dos Ocultos e na Academia Real de História, de que era membro desde 1723, tal como, aliás, Diogo Barbosa Machado, que dele traça, na *Bibliotheca Lusitana*, um perfil entre o hagiográfico e o panegírico de um génio literário (1747, II: 232-235; 1759, IV: 141-142), competindo no encómio com os contemporâneos Bartolomeu de Sousa Mexia e Francisco José Freire, que se ocuparam do seu elogio fúnebre, com ampla listagem das suas obras.

Orador apreciado e elogiado pela sua eloquência, dedicava-se frequentemente a compor prosa de circunstância para ser dita ou recitada (elogios

---

2 Posteriormente à publicação da *Historia Romana*, Pereira e Rodrigues (1911) referem ainda a das seguintes obras, entre outras: *Calliope Sacra*, em doze sonetos á real fundação do convento de Mafra, Lisboa, 1753; *Applauso harmonioso com que se celebram algumas acções dos progenitores da Ex.ma Casa de Abrantes*, Lisboa, 1750; *Achilles em Sciro*, opera de Pedro Metastasio, traduzida em verso portuguez, Lisboa, 1755; *Elevações a Deus*, traduzidas do francez, de Bossuet; *Genethliacon, sive Carmen natalitum, quo Beriae Principis natalis dies á Lusitania celebratur*, Olyssipone, 1761; *Resposta á carta que o dr. Francisco da Silva Mascarenhas escreveu ao autor desta, pedindo-lhe dissesse o conceito que fazia dos Exercícios da lingua latina-portugueza, que deu á luz o P. Antonio Pereira*, Lisboa, 1768. Tem também um Romance em louvor do autor da *Bibliotheca Lusitana*, Diogo de Barbosa Machado, no 1.º tomo desta obra; uma Carta ao conde de Vimioso e dois Sonetos, que andam na *Vida do infante D. Luiz*, do mesmo conde; alguns Versos á morte da infanta D. Francisca, insertos na celebração que se intitula *Sentimentos metricos*; uma Censura e um Soneto nas *Observações sobre a orthographía latina* do P. Antonio Pereira de Figueiredo, etc.

fúnebres, orações panegíricas, discursos gratulatórios). Tendo alcançado “profunda inteligência das línguas mais polidas da Europa”, mas sobretudo do latim e acima de tudo do português (Barbosa Machado, 1747: 233), o seu uso e conhecimento da língua materna pautavam-se pela elegância, propriedade e pureza dos clássicos, sendo tão adverso a latinismos alheios à dinâmica da língua como a estrangeirismos. Entre as obras referidas por Barbosa Machado (1747; 1759) e Inocêncio da Silva (1859) avultam discursos e reflexões de ciência, religião e história, um voto com alguma modernidade defendendo a admissão de estrangeiros na Academia e as *Instruções* a seus filhos, primogénito e segundo, inscritas na tradição europeia da epistolografia ou tratadística didática filial, e na sequência de outra *Instrução* manuscrita, de 1735, dirigida ao filho mais velho (Câmara, 2004; Carvalho, 2004). Os dois trabalhos publicados em 1745 essencialmente para uso familiar viriam a merecer acolhimento junto do público, já que tiveram ambos uma segunda edição em 1746 (na Oficina de Pedro Ferreira), impressos a favor do Colégio dos Órfãos de Lisboa. Na generalidade, a sua obra publicada não traía os objetivos fundacionais da Academia, em cujo decreto de fundação se programava tratar “a história eclesiástica destes reinos e, depois, tudo o que pertencesse à história deles e de suas conquistas”. Dedicou-se ainda à tradução do latim e ao género da crítica literária, com um discurso apologético em defesa do teatro espanhol e uma crítica ao *Cid* de Corneille, que redundou em polémica.

Innocencio Francisco da Silva (1859: 29) termina assim o artigo que lhe dedica, após o elenco bibliográfico:

O Marquez de Valença é geralmente respeitado pelos nossos philologos-criticos como um dos que mais se aproximaram dos antigos classicos no tocante á pureza de linguagem, e gravidade no estylo. D. Thomás Caetano de Bem diz d'elle por palavras formaes: «Falou com notavel elegancia e propriedade a nossa lingua, bebendo nas obras do incomparavel Vieira o estylo e pureza de idioma, que se acha nos seus discursos».

O seu é ainda o segundo nome referido por Thomaz-Caetano de Bem (1792: xliiii) entre os dos mestres que deveriam imitar-se pela “notável elegância e propriedade” com que falaram a língua portuguesa, nas suas *Memorias historicas chronologicas da sagrada religião dos Clerigos regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental*:

Temos em Portugal muitos Escritores, que fallarão com notavel elegancia, e propriedade a nossa lingua, e que podem servir de Mestres. Vieira he certa-

mente a todos incomparavel: o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal nelle bebo o estilo, e pureza do idioma, que se acha em seus Discursos. Fr. Bernardo de Brito, o P. João de Lucena, Jacintho Freire de Andrade, Duarte Ribeiro de Macedo, o Conde de Ericeira D. Luiz de Menezes, Julio de Mello e Castro, Fr. Domingos Teixeira, Eremita Augustiniano, os tres Irmãos Barbosas tem huma elocução purissima.

À luz da modernidade, José de Freitas Carvalho (2004) vê, contudo, de forma mais negativa a figura de D. Francisco de Portugal, com seus “aparatados eloquentes e poses de tipo senatorial” (331-332), na sua participação na corte e na Academia de História, considerando a sua escrita pedantesca e torrencial, em textos essencialmente de circunstância:

...sua actividade como académico, traduzida em orações, práticas, elogios, panegíricos, celebrações de aniversários de reis e príncipes, bem compreensíveis num cenáculo que, de criação e protecção real, fazia da comemoração dessas circunstâncias e datas um dever por gratidão. E um simples folhear dos 16 imponentes volumes da *Colecção de documentos e memorias da Academia* – que, desgraçadamente, não vão além de 1736 – evidencia que o marquês de Valença, seu director em alguns anos e censor, pela primeira vez, em 1735, foi o mais constante cultor desse género de intervenções académicas, a que, com contadas excepções, se reduz a sua obra literária. (Carvalho, 2004: 324)

Nuno Monteiro (2003: 231) refere-se-lhe como o «expoente máximo do conservadorismo ritual da corte joanina», sendo-lhe reconhecidos “assomos de participação nas disputas entre «Antigos» e «Modernos»” (Carvalho, 2004: 327). É o seu espírito clássico e o desdém que sente pelas modas francesas que o levam a recomendar ao filho primogénito a troca do «estudo dos livros Franceses, pela lição dos auctores Latinos, porque ninguem he tão ignorante da pintura, que queira antes as copias que os originaes para adornar o seu Museo» (Portugal, 1745: 83). Curiosamente, quando lhe afirma que “ler a historia romana traduzida he querer saber os successos, mas não a eloquencia com que forão escritos pelos Livios, e Salustios, he encher a memoria de noticias, e não de preceitos de Rhetorica” (Portugal, 1745: 83-84), torna-se evidente que lera com atenção a *Historia Romana*, de que conhecia pelo menos a tradução. Escrita por um português que dedicava seis horas diárias à Filologia, e já ao longo de um quarto de século (Barbosa Machado, 1747: 233), a lista de reparos nunca tardaria muito relativamente à data de publicação da tradução de Pereira da Costa, no entanto, neste caso tratava-se de mais do que isso: D. Francisco de Por-

tugal já tinha alinhado os *Reparos* a esta obra anos antes da sua publicação em 1743, como veremos:

Ao continuo estudo de seis horas cada dia observado pelo largo espaço de vinte e cinco annos deveo o vastissimo conhecimento da Filologia, deleitando-se o seu genio em a lição dos Poetas, e Historiadores do Seculo de Augusto, e de outros Escritores, que felizmente unirão a elegancia da fraze com a verdade da narraçãõ. As suas litterarias produçoens sempre foraõ respeitadas por incomparaveis, assim pela novidade da idea, como pela subtileza do discurso, e pureza do estilo.

Por outro lado, não é incomum que se dedicasse, nessas horas, a «curar» a sua língua materna das «maleitas» que se lhe afigurava irem-na atacando, ainda que subtil e gradualmente, mesmo em obras de excelência, como considerou ser a referida tradução. Já na tenra idade, segundo se sabe, o seu pendor docente prometia suplantar o discente, pelo que nada surpreende que nos tenha deixado este reflexo do estado da língua no Portugal setecentista, à semelhança do que algum duvidoso Probo terá feito com respeito ao latim vulgar no *Appendix* que lhe ganhou o nome:

Logo que começou a receber as primeiras instruções da lingua Latina, e letras humanas foraõ tantos os progressos do seu agudo engenho, e penetrante comprehensão, que claramente mostrou nacera mais para ensinar, do que para aprender. Tendo alcançado a perfeita intelligencia das linguas mais polidas da Europa estudou com particular atenção a materna a qual escreve com pureza, falla com elegancia sendo taõ escrupuloso cultor das suas palavras, que nunca para se explicar admitio o menor termo dos idiomas estrangeiros.

## 2. Os *Reparos* à tradução

O manuscrito CV/2-6 da Biblioteca Pública de Évora, Fundo Rivara 1, é uma volumosa miscelânea (32 por 23 *cm.*, lombada de 5 *cm.*) resultante da encadernação *a posteriori*, em pergaminho, de papéis de vária proveniência que andaram soltos e dobrados, de tamanhos distintos e evidenciando marcas de uso. Lê-se na lombada *Bibliotheca volante*. O códice, inumerado à época, oferece, apenas para referência, foliação a lápis em três séries separadas, não obstante, são em número muito superior as unidades codicológicas que alberga. Inclui obras não literárias e literárias, quer poéticas quer em prosa, em língua portuguesa e castelhana, nem todas se achando completas. Figuram nos textos, mais precisamente nas didascálias ou epí-

grafes que os apresentam, datações que nos permitem a aproximação a uma época de cópia: 1611, 1729, 1724, 1723, 1740, 1739; 1679, 1666; 1676, 1677, 1678, 1679 (pela ordem em que surgem nos papéis, ou seja, em que estes foram cosidos e encadernados). A miscelânea termina no fólio 44 verso da terceira série de foliação, sendo rematada por 6 fólhos em branco. Nos fólhos 39-42v da série III surgem copiados a limpo os *Reparos*<sup>[3]</sup>, em nome do Marquês de Valença, em unidade codicológica distinta, cujo último fólio verso ficou em branco:

[fl. 39]

**Reparos feitos à Tradução do primeiro tomo da Historia Romana, que Manoel Pereira da Costa traduzio da lingua Franceza na Portugueza.**

**Pelo Marquez de Valença.**

- [1] Em lugar de *cavalladas, festas de cavallo*.
- [2] He melhor dizer *depois*, que *ao depois*
- [3] Não dissera *roupas dos Senadores*, senão *togas*; e se houver alguma duvida no tempo, em que se usarão, *vestidos*, ou *vestiduras* ainda que estas são mais proprias de sacerdotes.
- [4] *Moças* he palavra humilde, *virgens*, ou *donzelas*.
- [5] Não he termo Portuguez *se tornarão affaveis, e brandos*.
- [6] O verbo *grangear* vaise antiquando.
- [7] *Faxas*, não explica os fasces dos Romanos; eu dissera *insignias Consulares*.
- [8] Entre *ornamento* e *ornato* ha alguma differença.
- [9] *Durante a menoridade* não está tanto em uso.
- [10] Nunca se pode dizer *obter o throno*.
- [11] Ainda que *espozo*, e *marido* seja o mesmo, devese attender ao uzo destas palavras.
- [12] No cazo de Lucrecia não uzára de *estratagemas*, senão que *Sexto se valera de hum engano, ou artificio*.
- [13] *Possuir os cargos* não se costuma dizer.
- [14] Vejo mais uzado *talento* por *capacidade* que *talentos*.
- [15] *Eximir da tirannia* não tem propriedade.

3 Editamo-los em lição conservadora, desenvolvendo apenas as abreviaturas (*agradecim.to, capacid.e, fundam.to, m.to, P., p.ª, pensam.to, porq', prim.ro., q', Rn.º* - como se alterna no texto entre *y/i* neste substantivo, desenvolve-se modernizado), em itálico, separando palavras unidas (*acerto, aperder, apique, senão*), acrescentando raros caracteres em falta por gralha evidente (*di[z]; muni[fi]sencias*) e colocando cedilha quando *c* seguido de *a* representa [*s*] (apenas em *gracas*). Não se indica a separação de linhas, diferindo a translineação da atual unicamente na forma *po/is* (cláusula 56).

- [16] *Dahi em diante* he melhor que *dahi por diante*  
 [17] *Expulsar* fora he o mesmo que recuar para tras, e descer para baixo, e não basta para desculpa o fallar com a boca, como diz Virgilio, e o ver com os olhos, como diz Cicero, e ser o pleonasma huma figura de rethorica.

[fl. 39v]

- [18] *Afeiçoado Porsena de tantas virtudes*, este verbo aqui não tem força, nem graça.  
 [19] *Derrota* he viagem, *rota* he estrago.  
 [20] *Deputarão a certo homem*, sem dizer o para *que*, parece descuido.  
 [21] *Correrias* não he palavra Portugueza.  
 [22] *Se cerrou com os inimigos* he explicação muito vulgar.  
 [23] *Juntou-se com o restante*, dissera antes *com as reliquias*  
 [24] *Declarouse abertamente*, este adverbio tem baixeza.  
 [25] Está em melhor uzo *ameaços*, que *ameaças*.  
 [26] *Offerta* tem differença de *offerecimento*; *offerecimento* he o *que* se faz aos homens, *offerta* a que se faz a Deos.  
 [27] *Compatriota* he antiquado.  
 [28] *Fazer bando à parte* he muito vulgar.  
 [29] *Apanhar* nem escrevendo, nem fallando se costuma dizer.  
 [30] *Levando o pò aos olhos* deve emmendar.  
 [31] *Vendose a pique* necessita da mesma emmenda.  
 [32] Não ha *expulsado*, senão *expulso*.  
 [33] Muitos reprovão *sem embargo*; o mais seguro he dizer *não obstante*.  
 [34] *Instigação* não está recebida.  
 [35] Nem he admitido *pôr hum homem em ferros*.  
 [36] Quem falla bem diz *masto* e não *mastro*.  
 [37] *Lugares impraticaveis* não se entende bem.  
 [38] *Soma* tem a seu favor o uzo, *summa* a origem do Latim.  
 [39] *Levar a bem* he termo muito familiar.  
 [40] *Accometer com pouco successo*, por *sem effeito* não he da nossa Lingua.  
 [41] *Como hum simplez particular*, basta *como hum particular*.

[fl. 40]

- [42] Em lugar de homem *regalado*, *delizioso*.  
 [43] *As suas insinuaçoens attrahião o coração*, em Portuguez não tem propriedade.  
 [44] Melhoremse as palavras *na frente de huma grande tropa de cavallaria*  
 [45] Do mesmo remedio necessita *accomodar a situação dos seus interesses*.  
 [46] Entre nós não se diz *aresto do Senado* senão *decreto*, *sentença*, ou *decisão*; e quando se diz, he em outros termos.



- [47] *Apossado*<sup>[4]</sup> tem melhores synonymos; escolhase algum mais nobre.
- [48] *Gratificação* não he para os Deozes, senão *agradecimento* e *acção de graças*.
- [49] *Vsurpar a mulher a seu marido* não se di[z], senão *tomar*, ou *roubar*. [vd. 66]
- [50] *Conferir* he para Beneficios, e *dar* para tudo o mais.
- [51] Não se diz *absolvido*, senão *absoluto*.
- [52] *Palavras demonstrativas*, e não *demonstradoras*.
- [53] Parece-me que o P.<sup>e</sup> Vieyra diz *mófa*; e sendo assim fica defendida a palavra; porem he regra, que se não deve uzar daquellas palavras, que uzarão poucas vezes os Autores de boa nota.
- [54] *Desastre* não he a perda de huma batalha, nem os damnos que resultão da guerra, he huma desgraça, *que* succede sem nenhum fundamento para se esperar. [vd. 86]
- [55] Não se diz *effeminado*, senão *affeminado*.
- [56] Augusto quiz dizer que era melhor ser porco, *que* filho em caza de Herodes; porq' os Judeos tinham prohibição de comer carne de porco; alem de que porco não he bruto, he animal; o leão, e o tigre são animaes, e brutos; e assim devese dizer *porco*; e não *bruto*; pois de outra sorte não se entende o conceito de Augusto.
- [57] *Astuto*, e não *astuciozo*.
- [58] *Sacrificar*, e não *immolar victimas*
- [59] *Pasquins*, e não *pesquins*.
- [60] Tirese *adquirir queixas*, e ponhase *merecer*, ou *facilitar*.
- [61] *Strabão geografó*, e não *geografico*.
- [fl. 40v]
- [62] *Bobos* he palavra da plebe.
- [63] *Desprezível* applicase só ao homem, e não à couza, e não he elegante.
- [64] Tenho duvida nesta palavra *cortejar*
- [65] *Livido* he palavra latina.
- [66] *Usurpar os Reinos bens*, usurpar he só para Reynos. [vd. 49]
- [67] *Munificencias* não se dis, ainda *que* se diga *dadivas*, e *grandezas*
- [68] *Tonto* não se escreve, só sim *incapaz*, *inhabil*, *falto de juizo*
- [69] Mais são os que dizem *mediator*, ou *medianeiro*, que *mediador*
- [70] *Deitar a perder* não he explicação polida.
- [71] *Autores da sua perdição*, e não *da sua perda*
- [72] Não sey que se diga *compositor de venenos*, senão *compór*, ou *temperar os venenos*.

4 Sublinham-se no texto apenas o prefixo e o sufixo, sugerindo a pouca elevação do derivado vernáculo, e não do verbo clássico latino *posse*.

- [73] *Alienados com o vinho* he fraze estranha.
- [74] *Apertarão com o Emperador para o obrigar* he explicação rasteira.
- [75] Não dissera, fallando na mulher de Seneca, que *uzou do mesmo artificio para morrer, senão da mesma violencia, e genero de morte, que seu marido.*
- [76] He mais proprio *merecer*, que *adquerir o desprezo*
- [77] Não há *ebriedade*, senão *embriaguez*.
- [78] *Entregue a mulheres* he modo de fallar muy abatido.
- [79] *Vaticinando Vitelio, que o seu governo seria funesto, para os Romanos*, isto mais parece prometer, que vaticinar; porque o vaticinar não he daquillo, que eu posso fazer, ou deixar de fazer.
- [80] He melhor *proposição*, que *proposta*: proposta he só do tribunal para o Principe.
- [81] *Notabilidade* não está muito em uzo; e *indigencia* he affectar o latim.
- [82] *Passava pelo melhor* he má explicação.

[fl. 41]

- [83] *Presentidos os males*, tambem hé termo vulgar.
- [84] He melhor dizer *tratar com favores*, que *com caricias*.
- [85] *Mulheres damas* não se escreve, *mal procedidas, infames*, ou *de vida estragada*
- [86] Não dissera *desastre* por cahir hum rayo, senão *desgraça*, ou *fatalidade*.  
[vd. 54]
- [87] Bem sey que os Latinos dizem *vrsos*, mas nos dizemos *usso*, e não como os Italianos *orso*, mas como os castelhanos *osso*.
- [88] *Hir por cabeça delles* he fraze popular, *por capitão*, *por guia*, *por director*.
- [89] He melhor *sem moderação*, ou *temperança*, que *sem regra nos seus appetites*
- [90] Não se diz *decencias*, senão *decencia*.
- [91] *Espiar a occasião* não he elegante, melhor he *espreitar*, por ser mais uzado: eu dissera antes *observar a occasião*
- [92] Alguns criticos reprovão a palavra *sogeito*, e não admitem senão *pessoa*.
- [93] Tenho por improprio a *Capitania de huma Cohorte*, pois não dizemos *Capitania*, senão *Companhia de Cavallos*, e *de Infantaria*.
- [94] Em lugar de *recompensação*, *recompensa*.
- [95] He o mesmo *exercer*, que *exercitar*, mas não se pode dizer *exercer os roubos*, senão *exercitar*, ainda que se possa dizer *exercer*, e *exercitar as occupaçoens*.
- [96] *Accender as maquinas*, fica melhor *pôr o fogo*, *queimar*, ou *abraçar*.
- [97] *Provar toda a sorte de calamidades* não fica bem, *experimentar*, ou *padercer*
- [98] *Tição*, e *soldadesca* são palavras humildes

- [99] *Prescrever limites à liberalidade* não se costuma dizer, *pôr limites, limitar, ou estreitar.*
- [100] Soa melhor *reparar o damno à sua custa, que à sua despeza.*
- [fl. 41v]
- [101] Não se diz *faltas* por *culpas*; sim *vícios e defeitos graves.*
- [102] Quando se diz que dentro de humas bólas se achava hum bilhete de hum vestido, e de hum movel, dissera antes *de outro premio.*
- [103] A palavra *lugubre* ainda não está adoptada.
- [104] *Expulsou de Roma os Filósofos*, he melhor *desterrou*, e mais proprio *exterminou*, por ser o desterro dentro do Reino e o exterminio fora dos seus confins.
- [105] *Governo precedente* he affectado.
- [106] Não se diz Fulano *he nacional de França, ou Portugal*, senão *natural*; nem dissera, fallando de Trajano, *que fora o primeiro Emperador estranho*, senão *estrangeiro.*
- [107] *Investidura* não he de cargo, ou posto, senão de Principado ou Monarquia.
- [108] *Cedendo por complacencia*, não he bom termo, *por lisonja ou obsequio*
- [109] Não se costuma dizer fazer muni[fi]sencias como grandezas
- [110] He termo muito latino *proscreever, desterrar, banir, e confiscar.*
- [111] *Effectuar os intentos* he melhor, que *concluir*
- [112] *Por desenfado* não tem nobreza
- [113] Os Senadores *que necessitavão*, e não *que carecião de Emperador*
- [114] *Que roubara*, e não *que furtara o Imperio*
- [115] He improprio *grangear maldiçoens* [vd. 6]
- [116] *Protestos* antes que *protestaçõens.*
- [117] *Esquartejar*, ou *despedaçar* antes que *fazer em quartos.*
- [118] *Despezas onerozas, hostiaria, e bellas promessas*, não são termos da nossa Lingua

[fl. 42]

- [119] Nunca se pode dizer *desconcordado*, nem *expor na Mesa*, nem *revestir a purpura*; e *enfastiado* hé muito vulgar.

Tenho visto a traducção, e me parece excellente: advirto porem que com exemplos de Camoens, Vieyra, João de Barros, Fr. Luiz de Souza, Jacinto Freire, Fr. Bernardo de Brito, Manoel Rodrigues Leitão, Bacellar, Duarte Ribeiro, e Bartholomeu do Quental, cederey dos meus reparos, menos nas palavras que ousou tiver antiquado. Lembro tambem *que* ha nesta traducção algumas palavras tão latinas, *que* não as entenderá toda a casta de leitores. *Libertos* nem

todos sabem *que* são escravos; *spectros* nem todos sabem *que* são fantasmas; *prestigios* nem todos sabem *que* são enganamentos. Da mesma sorte recomendo, *que* se não diga sempre *cerco* por *sitio*, *designio* por *intento*, *idea* por *pensamento*, *repor* por *restituir*, e *que* se cuide *muito* na Grammatica porque a nossa he muy diferente da Franceza, e o erro na Collocação he gravissimo nos traductores.

Nenhum dos biógrafos do Marquês de Valença dá conta da existência dos *Reparos*, o que é natural, pois se tratou de um pequeno texto não destinado ao público, apontamento feito durante a avaliação da obra submetida a autorização para se imprimir, de que o seu autor deu conhecimento ao tradutor para melhoramento e emenda do livro, já que da consulta da sua primeira edição se pode concluir terem sido emendados praticamente todos os pontos objeto de reparo.

Com o incremento notável verificado no âmbito da tradução durante o período das Luzes, nada surpreende que o assunto relativo à qualidade e importância das traduções andasse bastante debatido, e isso explica por que inclui Manuel Pereira da Costa na *Historia Romana* uma *Prefaçam Apologetica do Traductor*, dedicando 29 páginas a discutir as críticas habituais às traduções e aos tradutores, os seus méritos, dificuldades e contributos para o progresso do conhecimento:

Sey que estão mal avaliadas as Traducçoens, e que merecendo elogios só achão censuras. Dizem os que as criticão que são mais estimaveis os originaes, que as copias; e que o traduzir mais he dezejo de ter nome de Author, que capacidade para o ser. (*Prefaçam*, [4-5])

O prefácio, convite à reflexão no âmbito da moderna tradutologia, trabalha o espírito do leitor para o entendimento do tradutor como (outro) autor, e não como imitador:

Todo o primor de huma Traducção rigorosa consiste em exprimir com propriedade em huma lingua o que com elegancia se compoz na outra. E para isto se conseguir com felicidade he necessario hum profundo juizo. Conhecer o genio do Author, que se traduz: revestirse do seu character: tresladar à lingua propria o pensamento com a mesma gala com que se expressou na alhea: accommodar frases estranhas, de sorte que pareçaõ naturaes; truncar periodos, que por dilatados não agradaõ, e reduzilos a clausulas, que por breves deleitem: principiar muitas vezes pellos fins, e acabar pellos principios: fazer que a narração corra sem violencia, que seja clara, e elegante, e que a obra não pareça traduzida, se não composta de novo. ([15-16])

Não por acaso, reforça esse entendimento com um elogio aos tradutores portugueses que concretiza precisamente na figura do Marquês de Valença:

Só em Portugal, não falando em muitas que o merecem, bastava para calificar de engenhosissimos aos Traductores, e authorizar-lhes o exercicio a admiravel versão que na lingoa Portugueza fez do Panegirico de Plinio a Trajano o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Valença, a cujas luzes deve esta obra a mayor parte da sua perfeição, e em cuja illustrissima caza tem fundado a sabedoria o seu domicilio. Espero que quando este Fidalgo comunicar à estampa taõ eloquente, e suspirado papel, se veja em cada regra hum milagre da discrição deste Portuguez Demosthenes. ([23])

O próprio tradutor reconhece a existência natural de erros e informa que emendou todos aqueles de que teve notícia (e eis a prova de que recebera previamente a lista de reparos do *Demóstenes português*):

Para prova de que sou homem, pode ser que aches alguns defeitos nesta Historia, porque ainda que emendei os de que tive noticia, não duvido deixasse passar outros por falta de advertencia. ([30])

É que entre as Licenças indispensáveis à impressão da obra acha-se a do Paço, feita precisamente pelo Marquês de Valença, já aprovadora, e sem restrições a colocar diante de eventuais erros (entretanto emendados), que o censor não desvenda:

#### **Censura do Illustrissimo, e Excelentissimo Marquez de Valença &c.**

SENHOR.

Se eu censurasse esta obra falando com hum Rey menos Sabio que V. Magestade, havia ponderar o summo trabalho dos traductores, e a grande conveniencia das traducçoens. Havia mostrar a grandeza dos homens, que tiveraõ este exercicio literario. Havia encarecer o merecimento de saber duas lingoas com perfeição quando he sinal de muito engenho fallar huma com propriedade. Havia passar o meu discurso às muitas utilidades de qualquer historia tradusida no [sic] nossa lingoa, supposto ser ella mestra da vida como lhe chamou Cicero, e ainda me empregara mais no elogio desta traducção por ser da Historia Romana, em cuja lição depois da Sagrada se achaõ os melhores documentos, ou se observe o tempo dos Reys, ou o governo da Republica, ou o seculo dos Emperadores. Mas

interpondo o meu parecer por ordem de V. Magestade, e havendo de ser lido, e examinado pela sua alta compreensão, escuso fazer semelhantes considerações, pois estas, e outras mayores lembraõ logo ao feliz, e fecundo pensamento de V. Magestade [...]

Lisboa Occidental 30. de Julho de 1739.

F. Marquez de Valença

O facto de D. Francisco de Portugal ter tido que examinar a tradução, a fim de apresentar ao rei o seu parecer, poderia só por si indiciar uma génese da lista de *Reparos* coincidente com esse período de exame, quatro anos anterior à publicação daquela, contudo, a própria leitura da obra vem conferir realidade a essa dedução<sup>5</sup>: as falhas apontadas pelo Marquez de Valença já surgem emendadas na primeira edição da *Historia Romana*, tendo sido invariavelmente acatadas as suas sugestões – o que torna especialmente difícil localizar cada uma delas, sobretudo nos casos em que no reparo não se indica qualquer alternativa correta, deixada à inteira responsabilidade do tradutor; por outro lado, nenhum dos reparos oferece referência às páginas ou fólios do texto original.

Não cabendo nos limites físicos deste trabalho o estudo aprofundado das ideias linguísticas que se plasmam nas cláusulas, a análise contrastiva do original francês com a tradução portuguesa nos pontos que foram objeto de reparo, ou mesmo o produtivo cotejo entre os aspetos focados e o que nas obras gramaticais e lexicográficas da época se refere a esse respeito, agruparemos preliminar e avulsamente alguns tipos de reparo, fá-los-emos ocasionalmente contrastar com as emendas identificadas na obra publicada e alinhavaremos algumas reflexões de carácter geral.

- Impõe-se uma realização fonética etimológica, por vezes defendendo claramente a forma evoluída de acordo com o que é peculiar à fonética histórica do português, em contraste com o caraterístico de outras línguas românicas, e sem reconstituição classicizante (*vd.* 87):

---

5 Agradeço aos funcionários da Biblioteca Nacional o esforço para ultrapassar a impossibilidade de consulta das obras encaixotadas e sobrepostas, em período de obras, conseguindo-me acesso a um exemplar alternativo noutra biblioteca, e aos da Academia das Ciências pela pronta resolução de problemas práticos com vista a facilitar-me o diálogo presencial com o texto.

- [36] Quem falla bem diz *masto* e não *mastro*.<sup>[6]</sup>  
 [55] Não se diz *effeminado*, senão *affeminado*.  
 [59] *Pasquins*, e não *pesquins*.  
 [87] Bem sey que os Latinos dizem *vsos*, mas nos dizemos *usso*, e não como os Italianos *orso*, mas como os castelhanos *osso*.

Por vezes nem o próprio purista é alheio à dificuldade de escolha entre privilegiar o uso ou a tradição, entre formas populares e formas cultas:

- [38] *Soma* tem a seu favor o uzo, *summa* a origem do Latim.<sup>[7]</sup>

- Desprezam-se, porém, em geral os cultismos ou latinismos sem uso real no português:

- [34] *Instigação* não está recebida. (< lat. **instigatione**-)  
 [65] *Livido* he palavra latina. (< lat. **livitu**-)  
 [67] *Munificencias* não se dis, ainda *que* se diga *dadivas*, e *grandezas* [vd. 109] (< lat. **mūnificentia**-)  
 [109] Não se costuma dizer *fazer muni[fi]sencias* como *grandezas* [vd. 67]  
 [81] [...] *indigencia* he affectar o latim. (< lat. **indigentia**-)  
 [103] A palavra *lugubre* ainda não está adoptada. (< lat. **lūgūbre**, datada do séc. XVI por Morais (Machado, 1952)  
 [110] He termo muito latino *proscreever*, *desterrar*, *banir*, e *confiscar*. (< lat. **prōscribēre**, ‘publicar, afixar’; ‘pôr à venda’; ‘proscreever, afixando o nome’; ‘confiscar’ (os bens dos proscritos).

D. Francisco de Portugal acrescenta ainda outros latinismos no final dos reparos, preocupado com o acesso à obra por parte de um leque mais alargado de leitores – “Lembro tambem *que* ha nesta traducção algumas palavras tão latinas, *que* não as entenderá toda a casta de leitores”:

- 
- 6 Prontamente emendado na 1ª edição: «e enforcaraõ nos **mastos** dos seus navios todos os prizioneiros” (75). É *masto* que apresenta Roboredo (1619, 184) como equivalente do lat. **malus**. Em Bluteau (1715), “*Masto*, ou *Mastro*. Deriva-se do Alemão *Mast*, de que tambem usão os Frangos, & os Inglezes na mesma significação”; o autor encerra, porém, o verbete enumerando os diversos tipos de *mastro* sempre sem a vibrante. Em Morais e Bluteau (1789) já se inclui a entrada *masto* sem desenvolvimento, considerando mais atual o uso de *mastro*, variante em cujo verbete se inclui agora a definição, bem como os tipos de *mastro* e expressões: “**MASTO**, *s.m.* na maior parte dos Classicos se lê *masto*, *masteação*, &c. mas hoje dizemos *mastro*”. E igualmente se desenvolvem *mastreação*, *mastrear*, formas de que já não constam alternativas sem a vibrante.
- 7 O tradutor, porém, privilegia o uso na versão impressa: «uma grande *somma* de ouro» (79); «Juliano por offerecer aos Soldados mayor *somma* preferio ao seu competidor» (335).

- *Libertos* nem todos sabem *que* são escravos<sup>[8]</sup> (< **libertum**, ‘escravo libertado’, mas no português desde o séc. XVI, segundo Morais (Machado, 1952))
  - *spectros* nem todos sabem *que* são fantasmas (< **spectrum**, ‘simulacro’, em port. atestado, de facto, somente em 1813 (Machado, 1952))
  - *prestigios* nem todos sabem *que* são enganos (< lat. tard. **praestigiūm**, ‘magia’, ‘deslumbramento’, ‘impostura’, etc., atestado em português desde o séc. XVII (no dic. de Morais, em Machado, 1952)).
- Rejeitam-se os galicismos (derivando frequentemente da interferência direta da língua de origem na tradução) por desdém específico das modas francesas e pugna geral pelo purismo. Listas concretas como esta permitem datar neologismos e cultismos, surpreendendo, por exemplo, a entrada dos galicismos que irão enraizar-se entre nós:

- [5] Não he termo Portuguez *se tornarão affaveis, e brandos*<sup>[9]</sup>
- [40] *Accometer com pouco successo, por sem effeito* não he da nossa Lingua.
- [43] *As suas insinuaçoens attrahião o coração*, em Portuguez não tem propriedade.
- [46] Entre nós não se diz *aresto do Senado senão decreto, sentença, ou decisão*; e quando se diz, he em outros termos. (*cf. fr. arrêt*, ‘jugement d’une cour souveraine’)
- [100] Soa melhor *reparar o damno à sua custa, que à sua despeza*. [vd. 118]
- [101] Não se diz *faltas* por *culpas*; sim *vicios e defeitos graves*.<sup>[10]</sup>
- [105] *Governo precedente* he affectado.
- [118] *Despezas onerosas, hostiaria, e bellas promessas*, não são termos da nossa Lingua [vd. 100]<sup>[11]</sup>

- Advoga-se a substituição de arcaísmos e formas em desuso em benefício da língua real na época, do uso. Todavia, a história mostrará que, tal como ocorreu relativamente às formas incluídas no *Appendix Probi*, o caminho de mudança interdito pelos puristas foi precisamente aquele que se impôs através do uso popular; a

8 O tradutor poderá então ter complementado a frase com ambos os termos, para maior clareza: «Seu Pay chamado Elvio tinha sido **escravo**, e depois **liberto**» (335).

9 Na tradução: «os Romanos [...] se **fizeraõ** affaveis, brandos, e moderados» (9).

10 É comum o uso de *faltas* na obra, em certos contextos com eventual influência francesa: “Em que **faltas** incorreo Macrino?” (380). Com esta lista de reparos, o próprio tradutor talvez nem sempre tenha conseguido descobrir o lugar exato de cada falha apontada na tradução; ou teria tido acesso ao volume emendado? Duvidoso, já que a lista existia e andou de mão em mão para cópia.

11 O cultismo é então eliminado do texto: «Acodio com prompto remedio, e grandes despezas a consolar o seu povo» (267-268); «Estas extraordinarias despezas» (362).



moda linguística ditou que todos os termos abaixo, já passados por períodos de arcaísmo, voltassem ao uso diário:

- [6] *grangear* [“vaise antiquando”]<sup>[12]</sup>
- [9] *Durante a menoridade* [“não está tanto em uso”]<sup>[13]</sup>
- [27] *Compatriota* [“antiquado”]
- [81] *Notabilidade* não está muito em uzo [...]

- No âmbito da formação de palavras, rejeitam-se algumas criações vernáculas:

[1] *cavalladas*                    *festas de cavallo*.

O reparo foi de imediato integrado na tradução, onde já se lê:

1. Romulo a quem não faltava animo, e sagacidade mandou publicar humas **festas de cavallo**<sup>[14]</sup>, e outros divertimentos (p. 4)
2. para nella celebrar humas **festas de cavallo** (p. 181)

- Entre os neologismos recusados acham-se alguns que viriam a generalizar-se e tornar-se correntes:

[21] *Correrias* não he palavra Portugueza.

- Estranham-se no âmbito da obra – de tom e estilo que se defende e pretende mais elevado – tanto vocábulos como construções sentidos à época como humildes, baixos, vulgares, plebeus, deselegantes, pouco polidos, muito *abatidos*, rasteiros, populares ou “sem nobreza”:

[4] *Moças* he palavra humilde, *virgens*, ou *donzelas*.<sup>[15]</sup>

[22] *Se cerrou com os inimigos* he explicação muito vulgar.

12 Na tradução já alterado: «Que fez para **adquirir** a confiança dos seus subditos?» (9).

13 Na tradução o substantivo mantém-se, mas com preposição distinta: «Tendo a seu cargo o governo do Estado **na menoridade** dos filhos do Rey...» (18). Mas não se referia o censor a mais do que a preposição?

14 Sublinhados meus.

15 Na tradução o termo *moças* deixa de figurar, embora *moços* seja frequente: “Estabeleceo em Roma a Ordem das Virgens Vestaes, que eraõ humas **Donzellas**, que se consagraõ ao culto dos Deoses [...] // P. Qual era o principal emprego destas **Donzellas**?” (8); “para servir de asylo às mulheres, e **donzelas**” (94); “Ajuntou trezentas **donzellas**, e outros tantos moços” (328).

- [24] *Declarouse abertamente*, este adverbio tem baixeza.  
 [28] *Fazer bando à parte* he muito vulgar.  
 [47] *Apossado*<sup>[16]</sup> tem melhores sinonimos; escolhase algum mais nobre.  
 [62] *Bobos* he palavra da plebe.  
 [63] *Desprezível* applicase só ao homem, e não à couza, e não he elegante.  
 [69] *Deitar a perder* não he explicação polida.  
 [74] *Apertarão com o Emperador para o obrigar* he explicação rasteira.<sup>[17]</sup>  
 [78] *Entregue a mulheres* he modo de fallar muy abatido.<sup>[18]</sup>  
 [83] *Presentidos os males*, tambem hé termo vulgar.  
 [88] *Hir por cabeça delles* he fraze popular, *por capitão, por guia, por director*.  
 [90] *Espiar a occazião* não he elegante, melhor he *espreitar*, por ser mais uzado: eu dissera antes *observar a occazião*  
 [98] *Tição, e soldadesca* são palavras humildes  
 [112] *Por desenfado* não tem nobreza  
 [117] [...] *enfasiado* hé muito vulgar.

Outras formas e construções sintáticas vulgares são ainda rejeitadas na língua escrita e formal, mas sem classificação direta:

- [68] *Tonto* não se escreve, só sim *incapaz, inhabil, falto de juizo* [< **attonitu-**, divergente popular *tonto* alternando com o culto *atónito*]  
 [117] *Esquartejar*, ou *despedaçar* antes *que fazer em quartos*.<sup>[19]</sup>

Essa inadequação do registo deve-se outras vezes ao uso de termos demasiado familiares, na perspectiva do crítico:

- [39] *Levar a bem* he termo muito familiar.

- Discute-se a adequação das soluções lexicais, sintagmáticas ou frásticas, ou a capacidade significativa não coincidente dos equivalentes portugueses:

- [7] *Faxas*, não explica os fasces dos Romanos; eu dissera *insignias Consulares*.

16 Sublinham-se no texto apenas o prefixo e o sufixo, sugerindo a pouca elevação do derivado vernáculo, e não do verbo clássico latino *posse*.

17 Prontamente emendada pelo tradutor: «**Instaraõ** com o Emperador para que o mandasse matar» (206).

18 Na versão publicada, «passava o tempo **com mulheres** de escandaloso procedimento» (222).

19 Logo objeto de emenda pelo tradutor: «Foy atado a dous carros, e **despedaçado** miseravelmente...» (12).

- [18] *Afeiçoado Porsena de tantas virtudes*, este verbo aqui não tem força, nem graça.<sup>[20]</sup>
- [30] *Levando o pò aos olhos* deve-se emendar.
- [31] *Vendose a pique* necessita da mesma emenda.
- [82] *Passava pelo melhor* he má explicação.
- [54] *Desastre* não he a perda de huma batalha, nem os danos que resultão da guerra, he huma desgraça, *que* succede sem nenhum fundamento para se esperar. [também em 86]
- [56] Augusto quiz dizer que era melhor ser porco, *que* filho em caza de Herodes; porq' os Judeos tinham prohibição de comer carne de porco; alem de que porco não he bruto, he animal; o leão, e o tigre são animaes, e brutos; e assim deve-se dizer *porco*; e não *bruto*; pois de outra sorte não se entende o conceito de Augusto.<sup>[21]</sup>

- Desconsideram-se certas possibilidades derivacionais da língua, preferindo um sufixo a outro, ou a forma original à sufixada (em alguns casos recusando por completo uma das possibilidades com algum uso à época):

- [52] *Palavras demonstrativas*, e não *demonstradoras*.
- [57] *Astuto*, e não *astuciozo*.<sup>[22]</sup>
- [69] Mais são os que dizem *mediador*, ou *medianeiro*, *que* *mediador*.<sup>[23]</sup>
- [77] Não há *ebriedade*, senão *embriaguez*.<sup>[24]</sup>
- [94] Em lugar de *recompensação*, *recompensa*.
- [116] *Protestos* antes que *protestaçoes*.

- Distinguem-se formas que partilham a mesma raiz, de uso e valores diferentes (e em muitos casos não aplicáveis hoje nesse sentido, contexto ou forma):

- [8] Entre *ornamento* e *ornato* ha alguma diferença.

20 Melhorado logo na 1ª edição: «**Obrigado** Porsenna de tantas virtudes fez paz com os Romanos» (34).

21 Na *Grammatica* de Reis Lobato (1770: 56) ainda se usa, contudo, *bruto* também no sentido de 'animal doméstico': "Do genero feminino são os nomes, que significão cousa femea, ou sejam proprios de mulher, assim como Joanna, ou proprios de **brutos**, assim como Graucis cadelinha de Arethusa, ou sejam appellativos, que signifiquem cousa, que convenha a mulher, assim como Rainha; ou especie de **bruto** femea, assim como Ovelha".

22 Na 1ª edição já emendado: «mulher rica, e **astuta**» (392).

23 Bluteau e Morais (1789) admitem *mediador*, *medianeiro*, *mediatario* e *mediator*, Mello Bacelar (1783) *mediador* e *medianeiro*.

24 O tradutor elimina de imediato *ebriedade*: "Era hum homem amante da **embriaguêz**..." (219).

- [19] *Derrota* he viagem, *rota* he estrago.<sup>[25]</sup> (< **rupta**, f. do part. *ruptus*, ‘derrota’ e ‘peleja’ no português clássico; *derrota* detinha ainda em português o sentido original, < **dirupta** (via), ‘(caminho) aberto’, ‘caminho marítimo’, no port. clássico; o derivado regressivo de *derrotar* intenta já, pois, substituir *rota* por 1743).
- [26] *Offerta* tem diferença de *offerecimento*; *offerecimento* he o que se faz aos homens, *offerta* a que se faz a Deos
- [80] He melhor *proposição*, que *proposta*: *proposta* he só do tribunal para o Principe.

- Destrinça-se ainda o uso de outros termos e construções de conteúdo afim, por vezes atendendo a aspetos pragmáticos (vd. 11):

- [11] Ainda que *espozo*, e *marido* seja o mesmo, devese attender ao uzo destas palavras.<sup>[26]</sup>
- [48] *Gratificação* não he para os Deozes, senão *agradecimento* e *acção de graças*.
- [104] *Expulsou de Roma os Filosofos*, he melhor *desterrou*, e mais proprio *exterminou*, por ser o desterro dentro do Reino e o exterminio fora dos seus confins.<sup>[27]</sup> (*extermínio* ainda em sentido etimológico, < **ex** + **terminum**)
- [106] Não se diz Fulano *he nacional de França, ou Portugal*, senão *natural*; nem dissera, fallando de Trajano, *que fora o primeiro Emperador estrangeiro*, senão *estrangeiro*.<sup>[28]</sup>

- Despreza-se o pleonasma, a redundância e o excesso na língua, em benefício do simples e do escoreito:

25 Na tradução: «Acrescentou, e enriqueceo o seu Estado com a **rota**, e despojos dos Latinos, a quem venceo...» (17); «A perda desta batalha tirou toda a esperança aos Tarquinos. // P. Dezanimou muito aos Latinos esta **rota**? (35); «A total **rota** do seu exercito...» (127); «forão vencidos, e postos em fugida [...] e depois de hum horrivel **estrago** alcançaraõ os Alemães completa victoria» (223-224). Surge também o participio parónimo: «as tropas Romanas [...] se arriscavaõ [71] a serem **rotas**, e desbaratadas» (361).

26 Sempre *marido* na versão publicada: «Deu veneno a seu marido» (20, *passim*); «Houve alguma suspeita de que Livia abbreviasse a morte de seu marido?» (150).

27 O tradutor aplica as emendas: «**Exterminou** de Roma, e Italia por ordem expressa todos os Phylosofos de que resultou vagarem pelo mundo...» (262); «Crispina sua mulher não se descuidava tambem de infamar o thalamo [...] rezão porque a **exterminou** para a Ilha Caprea...» (328).

28 Já revisto na publicação: «Era Espanhol **natural** de Sevilha, e foy o primeiro, que sendo **estrangeiro**, foy eleito Emperador» (275).

[17] *Expulsar fora* he o mesmo que recuar para tras, e descer para baixo, e não basta para desculpa o fallar com a boca, como diz Virgilio, e o ver com os olhos, como diz Cicero, e ser o pleonasma huma figura de rethorica.<sup>[29]</sup>

[41] *Como hum simplez particular, basta como hum particular.*

- Aconselha-se maior clareza e especificidade, privilegiando o que na língua é tradicional e claro em detrimento das formas vagas (em 3, prefere-se o termo concreto ou técnico ao termo geral ou à perífrase):

[3] *roupas dos Senadores togas, vestidos, vestiduras*<sup>[30]</sup>

[20] *Deputarão a certo homem, sem dizer o para que, parece-me descuido.*

[23] *Juntou-se com o restante, dissera antes com as reliquias*<sup>[31]</sup>(cultismo que conserva o valor etimológico de **reliquiae**, ‘restos’; e também ‘dejetos’ e o atual ‘ossadas, restos de cadáver’; o popular *religas* desde o português arcaico)

[37] *Lugares impraticaveis não se entende bem.*<sup>[32]</sup>

[102] Quando se diz que dentro de humas bólas se achava hum bilhete de hum vestido, e de hum movel, dissera antes de outro premio.<sup>[33]</sup>

- Aponta-se a realização morfológica preferencial de alguns termos, nomeadamente quanto ao uso no feminino ou masculino, singular ou plural, tendo a força do uso feito entretanto vencer algumas das formas então minoritárias (*vd. ameaças*):

[14] Vejo mais uzado *talento* por *capacidade* que *talentos*.<sup>[34]</sup>

[25] Está em melhor uzo *ameaças*, que *ameaças*. – < **minância**, ‘ameaçador’, *ameaça* ou *meaça*, no português arcaico, com a variante *ameaço* no séc. XVI (Machado, 1952).

[90] Não se diz *decencias*, senão *decencia*.

29 Limpo na tradução: «Foy privado do Throno, e **lançado fora** da Cidade” (30); “e o **expulsarão** da Cidade” (31).

30 Na tradução publicada: «Ordenou, que as cadeiras dos Senadores fossem de marfim: que os filhos das familias mais illustres trouxessem **vestiduras** bordadas de purpura” (15); “Determinou os **vestidos** que deviaõ distinguir os Cavalheros das outras ordens Militares” (16); “concedo-lhe poder uzar de **Toga** encarnada” (102).

31 Já emendado: «Ajuntou tudo o que pode de pastores do Paiz Latino, e Toscana, as **reliquias** dos Troyanos, e Arcades, com alguns Ladrões. e Salteadores” (4).

32 Logo aclarado na obra: «Succedeo-lhe este infortunio por se confiar de hum perfido Syriaco, que meteo o seu exercito em huns lugares **apertados**” (77).

33 Logo emendado: «Mandou lançar hum dia no Amphiteatro hum prodigioso numero de bolas vazadas dentro das quaes se achavaõ bilhetes para vestidos, e **outros premios**” (255).

34 Aplicado na tradução: «Tendo os Reys de Roma particular **talento**, não tinhaõ grande extençaõ de capacidade” (28).

- Recusam-se formas e locuções que os lexicógrafos da época, como Bluteau, acolhem em várias aceções, e sem quaisquer restrições de uso ou etiquetas quanto ao registo e à receção:

- [29] *Apanhar* nem escrevendo, nem fallando se costuma dizer.  
 [33] Muitos reprovão *sem embargo*; o mais seguro he dizer *não obstante*.  
 [64] Tenho duvida nesta palavra *cortejar*  
 [92] Alguns criticos reprovão a palavra *sogeito*, e não admitem senão *pessoa*. (< part. lat. **sūbjēctum**, ‘vizinho’, ‘ submetido, sujeitado’, com este valor no séc. XIII, longe, de facto, do ‘indivíduo’, ‘indeterminado ou que não se nomeia’)  
 [119] Nunca se pode dizer *desconcordado*

- Corrigem-se itens morfológicos, defendendo a manutenção culta dos participios fortes clássicos em detrimento da alternativa fraca de formação vulgar, que foi ganhando terreno desde o português antigo (Barros, 2000; 2001):

- [32] Não ha *expulsado*, senão *expulso*.<sup>[35]</sup>  
 [51] Não se diz *absolvido*, senão *absoluto*.

- Acusa-se o emprego de preposições equivocadas (35), censura-se o uso excedentário de outras (2) e recomenda-se a melhor de entre preposições em alternância (16):

- [35] Nem he admitido *pôr hum homem em ferros*.<sup>[36]</sup>  
 [2] *ao depois*                      *depois*<sup>[37]</sup>  
 [16] *dahi por diante*              *Dahi em diante* (melhor)<sup>[38]</sup>

- Envolvendo questões de propriedade, apontam-se as impossibilidades sintagmáticas, quanto a regências, elementos de formações fixas (colocações, idiomatismos), etc.:

35 Já só se acha *expulso* na obra publicada, *passim*: “Assim como tinha sido **expulso** Collatino seu Colega” (32).

36 Alternativa já na 1ª edição: «foy conduzido a Roma **carregado de ferros**...» (67); “mandou prender, e **carregar de ferros** a Aristobulo” (74).

37 Na tradução publicada: «**Depois** de muitos combates...» (11); “Que succedeo a Alba, **depois** que...?” (12).

38 Na tradução já «dahy **em** diante” (31).

- [10] Nunca se pode dizer *obter o throno*.<sup>[39]</sup>
- [12] No cazo de Lucrecia não uzára de *estratagema*, senão *que Sexto se valera de hum engano, ou artificio*.<sup>[40]</sup>
- [13] *Possuir os cargos* não se costuma dizer.<sup>[41]</sup>
- [15] *Eximir da tirannia* não tem propriedade.<sup>[42]</sup>
- [49] *Vsurpar a mulher a seu marido* não se di[z], senão *tomar, ou roubar*. [vd. 66]
- [66] *Usurpar os Reinos bens*, usurpar he só para Reynos.<sup>[43]</sup> [vd. 49]
- [50] *Conferir* he para Beneficios, e *dar* para tudo o mais.
- [58] *Sacrificar*, e não *immolar victimas*
- [60] Tirese *adquirir queixas*, e ponhase *merecer*, ou *facilitar*.
- [72] Não sey que se diga *compositor de venenos*, senão *compor, ou temperar os venenos*.<sup>[44]</sup>
- [73] *Alienados com o vinho* he fraze estranha.<sup>[45]</sup>
- [74] Não dissera, fallando na mulher de Seneca, que *uzou do mesmo artificio para morrer, senão da mesma violencia, e genero de morte, que seu marido*.<sup>[46]</sup>
- [76] He mais proprio *merecer*, que *adquerir o desprezo*
- [79] *Vaticinando Vitelio, que o seu governo seria funesto, para os Romanos*, isto mais parece prometer, que *vaticinar*; porque o *vaticinar* não he daquillo, que eu posso fazer, ou deixar de fazer.
- [84] He melhor dizer *tratar com favores*, que *com caricias*.
- [85] *Mulheres damas* não se escreve, *mal procedidas, infames, ou de vida estragada*.<sup>[47]</sup>

39 Na tradução já emendado: «P. De que meyo se servio para alcançar o governo? // R. Tendo a seu cargo o governo do Estado na menoridade dos filhos do Rey, valeo-se caviliosamente do seu ministerio para **subir ao Trono**...» (18 [antes da anterior]).

40 Na tradução já se eliminou *estratagema*: “De que **engano** se valeu Sexto para satisfazer seus lascivos dezejos?” (24); [Caracalla] Tentou toda a sorte de **enganos, e artificios**” (365).

41 Reparo acatado na tradução: «que **occupavaõ** os cargos mais honrozos do Estado” (27).

42 Já emendado: «se **livrarem** por huma vez da sua Tirania” (29); “todos aquelles, que os tinham **livrado** da tirania” (30).

43 Emendado na obra: «a quem depois de ricos **tomava** os bens” (239).

44 Já rephraseado na publicação: «Determinou com toda a brevidade mandar matar a Britanico com peçonha, que lhe preparou Locusta mulher insigne em **temperar venenos**” (202).

45 Corrigido para publicação: «fingindo-se **perturbados** com o vinho” (206).

46 Reparo logo acatado pelo tradutor: «P. Como acabou sua mulher Pompeia Paulina? // R. Tam-bem usou **da mesma violencia, e genero de morte** que seu marido...” (207).

47 *Expressão* logo retirada do texto: “Fulvia **mulher mal procedida**, que conhecia alguns dos conjurados cumplices dos seus vicios” (90); “Que succedeo a huma **mulher mal procedida**, a quem Adriano privou da sua graça?” (285); “**mulheres deshonestas**” (319); “**mulheres lascivas**” (386); “**mulheres de escandaloso procedimento**” (222). O composto *mulher dama* é, contudo, comum na tradição manuscrita barroca, tal como *mulher pública, mulher estragada*, mas havia de chocar aos puristas a união dos dois substantivos.

- [89] He melhor *sem moderação*, ou *temperança*, que *sem regra nos seus appetites*<sup>[48]</sup>
- [93] Tenho por improprio a *Capitania de huma Cohorte*, pois não dizemos *Capitania*, senão *Companhia de Cavallos*, e *de Infantaria*.
- [95] He o mesmo *exercer*, que *exercitar*, mas não se pode dizer *exercer os roubos*, senão *exercitar*, ainda que se possa dizer *exercer*, e *exercitar as occupaçoens*.
- [96] *Accender as maquinas*, fica melhor *pôr o fogo*, *queimar*, ou *abrazar*.
- [97] *Provar toda a sorte de calamidades* não fica bem, *experimentar*, ou *padecer*
- [98] *Prescrever limites à liberalidade* não se costuma dizer, *pôr limites*, *limitar*, ou *estreitar*.<sup>[49]</sup>
- [108] *Cedendo por complacencia*, não he bom termo, *por lisonja ou obsequio*<sup>[50]</sup>
- [111] *Effectuar os intentos* he melhor, que *concluir*
- [113] Os Senadores *que necessitavão*, e não *que carecião de Emperador*
- [114] *Que roubara*, e não *que furtara o Imperio*<sup>[51]</sup>
- [115] He improprio *grangear maldiçoens*
- [119] Nunca se pode dizer [...] *expor na Mesa*, nem *revestir a purpura*

### 3. Conclusão

Francisco de Portugal redige a sua lista de reparos de um modo cortês, empenhado no interesse da língua e da gramática portuguesas, percorrendo todo o leque de sentimentos de receção, desde o não vinculativo “tenho duvida nesta palavra” até aos determinantes “nunca se pode dizer”, “devese emendar”, “não he da nossa Lingua”, passando pelas possibilidades gradativas, e linguisticamente multifacetadas, do *ser melhor*, do *soar melhor*, ou do “he affectado”, “vejo mais uzado”, “não está tanto em uso”, “eu dissera”... Enquanto as obras lexicográficas da época, por condicionamento do género, se limitam a acolher todos os vocábulos possíveis ou existentes, e as obras gramaticais se ficam pelas regras gerais, mais ou menos decalcadas do latim ou nele enredadas, sem grandes particularizações para além do

48 Reparo imediatamente acatado: «por ser princeza muy viciosa, e **sem moderação alguma nos seus appetites**» (325-326). *Deixar-se levar pelos appetites* é metáfora comum na obra, e à época: “... Nêro, que naturalmente se deixava levar dos seus appetites” (199).

49 O tradutor emendou para publicação: «Que resposta deu Tito aos Ministros que pertendiaõ **pôr limites** à sua liberalidade? (256).

50 O tradutor emendou *complacencia* para *lisonja*, mas à sugestão tradicional de *obsequio* preferiu a cosmopolita *política*: “Disputando Favorino contra o Emperador, e cedendo-lhe **por lisonja, e politica**” (291).

51 Imediatamente substituído na obra: «começou a queixar-se, que Juliano **roubara** o Imperio” (341).



canónico exemplo, este tipo de trabalho prático, com um contexto específico, apesar de muito sintético, fornece indicações importantes quanto a usos, registos, receção à época, regências, etc., o que é de todo o interesse para que um dia possam organizar-se obras lexicográficas e gramaticais de síntese com dados concretos por século ou período linguístico, bem como para o conhecimento da História da Língua Portuguesa em geral.

Depois de haver-se detido sobre passos específicos da tradução, o Marquês encerra a sua lista com um encorajamento à introdução de alguma variação no texto no que concerne a termos frequentes como *cerco*, *designio*, *idea* e *repor*, para os quais a língua oferecia alternativas mais vernáculas ou peculiares. Remata sensibilizando exatamente para o facto de a língua se demarcar da francesa (cada qual com seus *idiotismos*), tanto como da latina, o que exige especial atenção à gramática, sobretudo quando se enfrenta um projeto de tradução, com as inevitáveis interferências ou ingerências interlinguísticas:

Da mesma sorte recomendo, que se não diga sempre *cerco* por sitio, *designio* por intento, *idea* por pensamento, *repor* por restituir, e que se cuide muito na Grammatica porque a nossa he muy diferente da Franceza, e o erro na Collocação he gravissimo nos traductores.

No conjunto da obra traduzida ficam evidentes para o linguista traços característicos da língua setecentista que, exatamente por isso, não inspiram ao Marquês qualquer reparo, e que surgem espelhados, por exemplo, em vocábulos como *dirivou*, *verosimel*, *interreino*, *Cavalheros*, *outenta*, *rostro*, *vezinhos*, *disgostozos*, *ventagens ou peleijavaõ*, entre muitos outros.

Nesta sua lista surpreende-se a constante tensão entre algum desprezo das formas e factos linguísticos decorrentes da evolução popular e o imperativo de seguir apenas as autoridades, os clássicos, residindo a síntese na intenção expressa de defesa do acessível a um público leitor mais alargado.

As autoridades mencionadas nos *Reparos* são, de entre as latinas, Cícero, Virgílio (não obstante, defende o Marquês que o seu uso não normativo não deve nos casos em análise “servir de desculpa” para lhes seguir o exemplo), e de entre as portuguesas, Camões, Vieira, João de Barros, Fr. Luís de Sousa, Jacinto Freire, Fr. Bernardo de Brito, Manuel Rodrigues Leitão, Bacelar, Duarte Ribeiro e Bartolomeu do Quental, cujo uso deverá ser imitado salvo quanto a vocábulos entretanto caídos em desuso. Por outro lado, não se esquece de referir a regra da frequência, segundo a qual nenhum escritor deve ser imitado apenas porque usou uma forma esporadicamente:

“Pareceme que o P.<sup>e</sup> Vieyra diz *mófa*; e sendo assim fica defendida a palavra; porem he regra, que se não deve uzar daquellas palavras, que uzarão poucas vezes os Autores de boa nota” [53].

O autor dos *Reparos* não se limita ao seu próprio entendimento linguístico para apreciar a tradução, procurando aferir a pureza da língua de acordo com a opinião de outros filólogos e críticos (“muitos reprovam...”). Esse rigor na seleção do termo mais português, que persegue Francisco de Portugal, não era, naturalmente, partilhado por todos; tomemos o exemplo de uma locução desprezada nos *Reparos*, *sem embargo*; Reis Lobato (1770: XLVIII) utiliza-a na redação da sua gramática, mantendo o paralelo com o castelhano (“Porém sem embargo das ditas diferentes terminações”), e Bluteau já a admitia. Não obstante, a sensibilidade do Marquês de Valença diante da língua não falhava, já que *sem embargo* sempre acabaria por perder-se em português.

A sua lista é, pois, um pequeno mas interessante contributo para o conhecimento do léxico vivo, em muitas das suas facetas, para o esboçar de uma gramática da frase (o contexto está por natureza em evidência na análise de uma tradução), o que só tem paralelo na obra do contemporâneo e amigo Francisco José Freire (1719-1773), *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa*, apenas publicada por Rivara em 1842, a partir do ms. CXIII/2-1 da Biblioteca Pública de Évora. Mas em 1745, pouco depois da redação da lista de reparos, publicaria Freire *O Secretário Portuguez. Cómmodos à Instrução da Mocidade Confirmado com Selectos Exemplos de Bons Autores*.

O estudo contrastivo dos *Reparos* de Francisco de Portugal e das *Reflexões* de Freire (que se destinava a ensinar os escritores principiantes a usar da língua com pureza, propriedade, correção e energia), centrando-nos nos pressupostos e doutrina da época com respeito à(s) língua(s), flagrantemente coincidentes<sup>[52]</sup>, e sobretudo nos factos linguísticos concretos, traçando o percurso destes no horizonte peritemporal do português setecentista, ou seja, construindo a história da receção das palavras, da percepção do seu valor, elegância, atualidade, etc., é um pequeno trabalho futuro a exigir outro tipo de aprofundamento.

52 Atente-se, a título de exemplo, apenas na referida regra da frequência de um facto linguístico na obra de um autor clássico. Refere Freire (1802, 32), como também o fizera Francisco de Portugal: «Parece a muitos supersticioso o cuidado com que alguns Escriptores trabalham por escrever com pureza o seu idioma, usando só daquelles termos que teem aos Classicos por defensores. Porem erram nesta parte [como em tudo o mais] estes ignorantes, parecendo-lhes que qualquer palavra, uma vez que se ache em algum auctor, para logo é portugueza, e se póde usar della sem o minimo escrupulo».

## Referências

- ANDRADE, António Alberto de (1966), *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- BACELAR, Bernardo de Lima e Melo (1783), *Diccionario da Lingua Portuguesa [...]*, Lisboa, Jozé de Aquino Bulhoens.
- BARBIER, Antoine-Alexandre (1823), *Dictionnaire des ouvrages anonymes et pseudonymes composés, traduits ou publiés en français et en latin, avec les noms des auteurs, traducteurs et éditeurs, accompagné de notes historiques et critiques*, tome II, Paris, Barrois L'Ainé, Libraire.
- BARROS, Anabela (2000), *O Particípio Passado, Aspectos da sua morfologia do século XIII ao século XVI*, 2 vols., Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BARROS, Anabela (2001), “A adopção de participios passados fortes por verbos da 1ª conjugação”, *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Faculdade de Letras, 2-4 de Outubro de 2001), Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 53-68.
- BEM, Thomaz-Caetano de (1792), *Memorias historicas chronologicas da sagrada religião dos Clerigos regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental*, Lisboa, Regia Officina Typographica.
- BLUTEAU, Raphael (1712-1721), *Vocabulario Portuguez, e Latino...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos...*, vols. I, II (1712), III e IV (1713), Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu; vols. V (1716), VI, VII (1720) e VIII (1721), Lisboa, Pascoal da Sylva.
- BLUTEAU, Rafael, e António de Moraes SILVA (1789), *Diccionario da Lingua Portuguesa* composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva Natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo. L-Z. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da (2004), “«Mundanidade» e quotidiano na cultura portuguesa de setecentos: Escritas codificadas de comportamento social”, *Actas do Colóquio Internacional «Literatura e História»*, vol. I, Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, FLUP, pp. 107-118.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas (2004), “As *Instrucções* de D. Francisco de Portugal, Marquês de Valença, a seus filhos. Um texto para a Jacobeia?”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1, pp. 319-347, disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo13111.pdf> (01-09-2011)
- COSTA, Manoel Pereyra da (1743), *Historia Romana por perguntas e respostas desde a fundação de Roma até o presente*, Parte I, Trad. por Manoel Pereyra da Costa, Lisboa, Off. de Antonio Isidoro da Fonseca.

- FREIRE, Francisco José (1802), *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa [...]*, Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
- LOBATO, António José dos Reis (1770), *Arte da grammatica da lingua portugueza*, Lisboa, Regia Officina Typografica.
- MACHADO (1741-1759), Diogo Barbosa *et alii*, *Bibliotheca lusitana historica, critica e chronologica [...]*, Tomo I: Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. Tomo II, Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1747; Tomo IV, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759.
- MELO, João Crisóstomo do Couto e (1818), *Gramática filosófica da linguagem portuguesa*, Lisboa: Imp. Regia.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo F. (2003), *O crepúsculo dos Grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*, Lisboa, IN-CM.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536), *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa: e[m] casa d' Germão Galharde.
- PEREIRA, João Manuel Esteves e Guilherme RODRIGUES (1904-1915), *Portugal. Dicionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico*, Vols. 5 (1911) e VII (1915), Lisboa, J. Romano Torres, <http://www.arqnet.pt/dicionario> (25-08-2011).
- PORTUGAL, D. Francisco de (1745), *Instrucçam que o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal [...] dá a seu filho primogenito, D. Joseph Miguel Joam de Portugal, Conde de Vimioso*, Lisboa, Off. de Miguel Rodrigues.
- ROBOREDO, Amaro de (1619), *Methodo Grammatical para todas as Lingvas*, Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- SILVA, Innocencio Francisco da (1859), *Dicionario bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Apillicaveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional.